

A midiatização e a reconfiguração das práticas jornalísticas

Demétrio de Azeredo Soster*

Índice

1	Primeiros conceitos	3
2	Gazeta do Sul e Zero Hora	4
3	Olhares sobre a Revista Piauí	11
	Considerações interpretativas	16
	Referências	16

ESTE artigo reflete sobre aspectos de duas pesquisas empíricas¹ realizadas ao longo de 2010 e 2011 pelo grupo intitulado “A narrativa jornalística em sua intersecção com a literatura”. Os pesquisadores² são ligados, de um lado, ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), enquanto que, de outro, ao Programa

*Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). dsoster@uol.com.br.

¹Utilizaremos neste artigo excertos ampliados e aprimorados de trabalhos apresentados, respectivamente, no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em setembro de 2011, em Recife, Pernambuco, e no 9º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo (9º SBPJor), em novembro de 2011, no Rio de Janeiro. Mais que a síntese de ambos, trata-se dos resultados das reflexões realizadas pelo grupo de pesquisa após a publicação original dos mesmos, de onde sua pertinência.

²Integram o grupo, ainda, Fabiana Piccinin, que divide com o autor deste texto a coordenação do grupo de pesquisa, além dos alunos Joel Haas, Pedro Piccoli Garcia e Vanessa Kannenberg.

de Pós-graduação em Letras (PPGL) da referida instituição. O objetivo de ambas as análises, realizadas em veículos impressos e em períodos distintos, foi demonstrar que a midiatização, quando afeta o jornalismo, interfere também na forma de ser dos dispositivos tradicionais, caso dos jornais e das revistas impressas, complexificando as formas por meio das quais estabelecem seus relatos e realizam suas ofertas de sentido. O recorte recai sobre algumas das reconfigurações que se estabelecem no jornalismo que denominamos midiatizado, ou seja, aquele que, ao ser vetor da midiatização, é afetado pela processualidade desta, midiatizando-se.

O percurso metodológico se iniciará pela explicitação conceitual do que entendemos por midiatização, e, nela, a midiatização do jornalismo. Sintetizamos, aqui, um caminho de pesquisa já referenciado em outros momentos (Soster, 2006, 2007, 2008, 2008-a, 2009, 2009-a e 2009-b e 2011), cuja retomada se faz necessária para a adequada delimitação conceitual de nossa proposta. Nesta perspectiva, a midiatização se estabelece como uma ambiência de matizes sócio-técnicos que se instaura na sociedade e que reconfigura as mais diversas formas, processos e sentidos desta, tendo como lastro um cenário de profunda imersão tecnológica e como lócus aquele que chamamos de sistema midiático-comunicacional³.

Descreveremos, isoladamente, cada um dos períodos da pesquisa: o primeiro, realizado em 2010, estuda, de um lado, a presença de determinadas categorias do jornalismo em jornais impressos diários. Referimos, por exemplo, a textos de natureza interpretativa, ou diversional, estes mais afeitos às revistas impressas e livros, devido, entre outros, à periodicidade destes, mas que, neste cenário, são encontrados com cada vez mais frequência em veículos cuja lógica de circulação é mais intensa que os semanais. O objeto de estudo, aqui, são os jornais impressos Zero Hora⁴, de Porto Alegre, e Gazeta do Sul⁵, de Santa Cruz do Sul, ambos do Rio Grande do Sul, Brasil.

Já a segunda pesquisa, de 2011, observa, por meio da análise de

³O sistema midiático-comunicacional é formado pelos dispositivos rádio, televisão, jornais e revistas impressos, sites, blogs etc., que são amalgamados em rede pelos nós e conexões da internet.

⁴Zero Hora.

⁵Gazeta do Sul.

alguns modelos de textos da revista mensal impressa Piauí⁶, como o sistema jornalístico dialoga, em suas operações, com os sistemas como o literário, interferindo e sendo interferido por este pelo viés da narrativa. O objeto de análise é a seção Diário da revista. Os relatos da referida seção vão buscar na narrativa literária subsídios para se estabelecerem como tal. Ao fazê-lo, complexificam lugares e exigem novas gramáticas interpretativas, à medida que, por este viés, as fontes jornalísticas tornam-se personagens e ferramentas como narrador e narratário tornam-se necessárias à construção dos discursos, para ficarmos em dois exemplos. Começamos por retomar o que entendemos por midiatização, e, nela, a midiatização do jornalismo.

1 Primeiros conceitos

Para compreendermos a midiatização do jornalismo, é preciso, antes, esclarecermos o que entendemos por midiatização. Ou seja, o que significa à sociedade quando, nas palavras de Fausto Neto (2008: 128), tecnologias, mais que suportes a esta ou àquela atividade, estabelecem-se como meios de interação que redefinem práticas sociais. “Esse novo cenário de interação produz rupturas, mas também a necessidade de dispositivos de re-instaurarem novas formas de contratos. (2008: 128).

Com isso, jornais e revistas, por exemplo, deixam de lado o estatuto de “meios” e passam a operar em uma perspectiva mais ampla. Ao fazê-lo, transformam-se, ao lado das rádios, televisões, sites, blogs etc., em um sistema que denominamos midiático-comunicacional que, “(...) através de suas próprias auto-operações, realizam o funcionamento de um novo tipo de trabalho do registro do simbólico” (2008: 128). Reconfiguram, assim, toda uma ecologia comunicacional (Gomes, 2006).

Em processualidades dessa natureza, por outro lado, a condição de vetor da midiatização não impede que os próprios dispositivos se midiatizem. Repete-se, dessa maneira, no interior do próprio dispositivo, e na relação desses com dos demais dispositivos, a forma operacional do sistema, que é auto-referencial⁷. Dessa complexa equação, que visa, ao

⁶Piauí.

⁷Capacidade que os sistemas têm de referenciar a si próprios em suas operações. Não se trata de dizer que os sistemas são isolados entre si, ou que desconsideram seu entorno, mas observar que suas operações são voltadas fundamentalmente para seus

seu final, a manutenção e operacionalidade do sistema como um todo, emerge o que denominamos de jornalismo midiaticizado.

As características desse modelo de jornalismo são em número de três: auto-referência, co-referência e descentralização (Soster, 2009, 2009-a). A auto-referência diz respeito à capacidade que o dispositivo tem de se auto-referenciar em suas operações. Já a co-referência se verifica quando, por exemplo, os dispositivos jornalísticos passam a referenciar outros dispositivos. A descentralização está ligada ao fato de, nesse contexto, o dispositivo não ocupar uma centralidade operacional, e se transformarem, na arquitetura rizomática⁸ do sistema midiático-comunicacional, em um nó, ou conexão, por onde os fluxos informacionais se reconfiguram.

Esse ponto é particularmente importante à nossa compreensão, à medida que localiza o lugar conceitual que estamos nos referindo. Por os dispositivos, em uma perspectiva de rede, servirem, antes, de nós e conexões⁹ de um sistema mais amplo que lugares centralizados do ponto de vista institucional, precisam desenvolver estratégias que lhes garanta autonomia e justifiquem sua funcionalidade na estrutura do sistema. Vejamos como esta processualidade se estabelece em sua relação com o objeto analisado.

2 Gazeta do Sul e Zero Hora

A escolha de Zero Hora e da Gazeta do Sul se deu por se tratar de dois dos mais importantes jornais diários do Rio Grande do Sul. Desenvolveu-se uma tabela, que não será descrita aqui por economia de espaço,

próprios interiores, como forma de redução da complexidade interna e conseqüente viabilização da manutenção dos mesmos. (Soster, 2009, p.24)

⁸Pensar em forma do sistema implica considerar que ela se materializa, principalmente, a partir do momento em que seus dispositivos são interligados pelos nós e conexões da web, tomando para si a lógica dessa.

⁹Segundo Castells, (2003: 566) nós são pontos nos quais curvas se entrecortam. São estruturas abertas capazes de se expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que estes consigam comunicar-se dentro das redes, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação. Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio.

por meio da qual se pudesse isolar, em período determinado¹⁰, as categorias e gêneros jornalísticos encontrados no jornalismo, tendo como referência a categorização de José Marques de Melo (2010). A esta análise, de natureza quantitativa, sucedeu-a outra, qualitativa. Demonstraremos, a seguir, excertos do que foi encontrado.

A análise das páginas de Gazeta do Sul e Zero Hora demonstrou, em primeiro lugar, que as categorias diversional e interpretativo ocorrem com muita frequência no objeto analisado. Encontramos 72 incidências de textos dos cinco gêneros da categoria interpretativo no jornal Gazeta do Sul. O predomínio é reportagem (34), seguido de perfis (16) e dossiês (14). Há sete casos de cronologia e uma enquete, conforme podemos observar na tabela abaixo:

TABELA 2
Incidência das categorias interpretativo e diversional na Gazeta do Sul

Jornal Gazeta do Sul							
Reportagem	Dossiê	Perfil	Enquete	Cronologia	His. de Int. Humano	Hist. Colorida	
34	14	16	1	7	8	1	

Fonte: elaboração dos autores.

Em Zero Hora, a incidência aumenta para 145, pouco mais que o dobro, com hegemonia igualmente para as reportagens (69). Os dossiês são em número de 52, seguidos dos perfis (21), das enquetes (2) e cronologia (1). Somados os dois jornais, são em número de 217 os textos da categoria interpretativo encontrados nas amostras.

¹⁰A pesquisa foi realizada por 30 dias – de 1º a 30 de setembro de 2010.

TABELA 3
Incidência das categorias interpretativo e diversional na Zero Hora

Jornal Zero Hora							
Reportagem	Dossiê	Perfil	Enquete	Cronologia	His. de Int. Humano	Hist. Colorida	Colo-
69	52	21	2	1	19	11	

Fonte: elaboração dos autores.

É o caso do perfil intitulado “Disputa ao Piratini: Pedro Ruas em 14 horas”¹¹, veiculado à página 18 de Zero Hora, edição do dia 29 de outubro de 2010. A matéria, de Fernanda Zaffari com fotos de Diego Vara, publicada em uma página e ilustrada com dez fotografias, integrava uma série que enfocava o que chamava, na linha de apoio, de o “lado mais pessoal e menos político dessas figuras políticas”. É o que pode ser visto no primeiro parágrafo, quando, ao invés de um lead, era descrita a forma de se vestir de Pedro Ruas.

O candidato do PSOL ao governo do Estado, Pedro Ruas, 54 anos, é marcante quando o assunto é estilo: usa óculos de armação larga e preta, os da hora são Dolce & Gabbana, e veste sempre suspensórios. – Uso há muito tempo, desde criança – contou logo cedo, no café da manhã no comitê do PSOL. (Zaffari: 18, 2010)

Observa-se, no excerto acima, que a descrição de detalhes aparentemente irrelevantes, como a marca e a forma de um óculos, bem como suspensórios, no lugar onde haveria um lead se fosse uma notícia, por exemplo, empresta novas dimensões a Pedro Ruas. Torna-o por meio da narrativa, um personagem que possui outras preocupações para além da política. Quem nos informa a esse respeito é um narrador que, mais que narrar, testemunha o que está ocorrendo naquele momento, na casa do personagem, e que se desvela quando explica que determinada informação foi obtida “(...) logo cedo, no café da manhã (...)”.

¹¹Jornal Zero Hora, ano 47, nº 16.462, 2º edição, dia 29 de outubro de 2010, p. 18.

Algo semelhante ocorre com o texto “O mão de Tesouras espalha discípulos¹²”, do repórter Nilson Mariano, fotos de Arivaldo Chaves, publicado na página 38 da edição de Zero Hora do dia 25 de setembro de 2010. Com uma diferença: nele, o acontecimento socialmente relevante, que usualmente move a atenção dos jornais por meio de seus critérios de noticiabilidade, não está presente. O que encontramos, no relato, é, antes, a história de um personagem com habilidade para desbastar arbustos, que é comparado, em determinado momento, com um personagem de cinema: Edward Mãos de Tesoura, encarnado pelo ator Johnny Deep. Classificamos, em termos de gênero, o relato como história de interesse humano (diversional), por privilegiar uma face específica do agricultor Fredolino Serliro Schmidt, de 74 anos: sua capacidade de transformar arbustos em figuras artísticas.

O narrador é criativo ao descrever a vida de seu personagem:

Fredolino também escapa à regra. Era agricultor, plantava milho e soja, tratava porcos e galinhas. A topiaria nasceu por acaso: em 1988, ao deixar o Coral Carlos Gomes, onde ensaiara como tenor, ouviu um comentário instigante de Ivar Roessler, prefeito de Vitor Graeff mais de uma vez:

– Bah, mas que pena não se ter um jardineiro na cidade para fazer uns desenhos nos ciprestes da praça. – disse Roessler.

– Mas dá para fazer isso. – respondeu Fredolino.

E as mãos calejadas de quem cortava lenha a machado passaram a se dedicar à escultura. (Mariano, 2010: 38)

Seja por meio do uso de palavras pouco usuais, caso de topiaria – a arte de adornar jardins –, interjeições (Bah!), ou, ainda, diálogos e remissões, quem era fonte se transforma, uma vez mais, em personagem, por meio das mãos de um autor/narrador que, nesse caso, tudo observa e tudo sabe, mas que não participa diretamente da cena descrita.

O texto “A travessia silenciosa”¹³, de Elemir Polese, com foto de Jainaina Zílio, publicado na edição conjunta de 4-5 de setembro de 2010,

¹²Jornal Zero Hora, ano 47, nº 16.458, 2ª edição, dia 25 de setembro de 2010, p. 38.

¹³Jornal Gazeta do Sul, ano 66, nº 190, edição 4-5 de setembro de 2010, p. 48.

ilustra o uso, pela Gazeta do Sul, de uma narrativa de natureza diversional. No relato, é narrada a história de um garoto chamado Felipe que, em decorrência de uma vida miserável, não consegue ser criança. Um trecho:

Geralmente, há vidas no caminho. E quando elas não estão no caminho, algo pode estar errado. E algo está errado na vida de Felipe. Felipe logo completará nove anos, mas parece ter cinco. E ainda não vai para a escola como seus amiguinhos da vila onde mora. Em uma das manhãs, o Felipe miudinho se agiganta e questiona seu pai: “Pai, quando é que vou pra escola?” “Ano que vem, meu filho, ano que vem.” “Mas porque não agora, pai?” “A melhor escola é a da vida, meu filho, teu pai também aprendeu assim.” (Po- lese: 48, 2010)

Trata-se da abertura da matéria. Ou seja, nada que indique a necessidade fremente de informar o que quer que seja, ainda que o faça por meio da descrição física e emocional do garoto Felipe, que, além de fictício, sequer sobrenome tem. Trata-se, antes, uma vez mais, de um personagem que uma fonte. Algo semelhante ocorre com o narrador, demiúrgico, que, de longe, descreve o que está ocorrendo, o que os personagens, pai, filho e pobreza, estão fazendo naquele momento.

Na mesma edição da Gazeta do Sul¹⁴, porém às páginas 22 e 23, encontramos uma matéria interpretativa assinada pelo repórter Nero Setúbal, com fotos de Janaina Zílio, onde, a partir de pesquisa sobre o envelhecimento da população, é realizada uma reportagem sobre o tema “velhice”. Nesse caso, parte-se de acontecimentos se realizando – as campanhas protagonizadas por veículos de comunicação em Santa Cruz do Sul, ações em prol da velhice etc. – para descrever uma realidade mais ampla. Observamos uma linguagem estilizada, que se utiliza de metáforas e remissões temporais para se estabelecer. Um exemplo:

Deixados de lado pelo próprio sangue, os internos ainda convivem com o fato de saber que por lá, mais do que em qualquer outro lugar, é comum relações serem rompidas do

¹⁴Jornal Gazeta do Sul, ano 66, n° 190, edição 4-5 de setembro de 2010, pp. 22-23.

dia para a noite sem aviso prévio. “Veza que outra a gente vê um colega partindo em um carro de funerária. Tem parente que não aparece nem para os atos fúnebres. É o pior. Mas a vida segue”, diz seu Claudionor com a experiência de quem sabe que a estrada é tortuosa e precisa ser encarada de frente. Independente de como será o fim. (Setúbal, pp. 22-23, 2010)

Chama atenção, na amostra, tanto a localização (caderno ou corpo do jornal) quanto a frequência com que os textos de natureza diversional e interpretativa aparecem. No primeiro caso, encontramos 23 textos das categorias interpretativo e diversional nos cadernos do jornal Gazeta do Sul, contra 50 no corpo do jornal. Algo semelhante ocorre com Zero Hora: são 46 relatos de natureza diversional e interpretativa nos cadernos, contra 129 no corpo do jornal.

As tabelas abaixo nos permitem visualizar melhor a situação.

TABELA 4
Localização dos textos na Gazeta do Sul

Jornal Gazeta do Sul		
Local	Interpretativo	Diversional
Cadernos	19	4
Corpo do Jornal	53	5

Fonte: elaboração dos autores.

TABELA 5
Localização dos textos em Zero Hora

Jornal Zero Hora		
Local	Interpretativo	Diversional
Cadernos	27	19
Corpo do Jornal	118	11

Fonte: elaboração dos autores.

Quanto à frequência, a amostra sugere que os textos das categorias diversional e interpretativo não se encontram hegemonicamente distribuídos nas edições de sábado e domingo (caso de Zero Hora) ou de final de semana (Gazeta do Sul), quando há mais tempo para a leitura: também são frequentes ao longo da semana, incluindo a segunda-feira. As tabelas abaixo sintetizam o que estamos afirmando.

TABELA 6

Frequência das categorias interpretativo e diversional em Zero Hora

Jornal Zero Hora	Interpretativo	Diversional
Segunda-feira	17	2
Terça-feira	22	5
Quarta-feira	21	7
Quinta-feira	15	2
Sexta-feira	14	1
Sábado	17	8
Domingo	39	5

Fonte: elaboração dos autores.

TABELA 7

Frequência das categorias interpretativo e diversional na Gazeta do Sul

Jornal Gazeta do Sul	Interpretativo	Diversional
Segunda-feira	5	0
Terça-feira	12	2
Quarta-feira	19	1
Quinta-feira	12	0
Sexta-feira	9	0
Sábado/domingo*	18	6

* Edição conjunta

Fonte: elaboração dos autores.

Observadas as duas tabelas, e resguardadas as proporções dos jornais, percebemos, no caso de Zero Hora, que relatos da categoria diversional incidem todos os dias na amostra. A maior incidência (8) é

no sábado, em decorrência da veiculação de um caderno de cultura, seguido de quarta (7) e terça-feira (5). No que toca aos interpretativos, a maior incidência, em Zero Hora, é aos domingos (39), terça-feira (22) e segunda-feira (21).

Aplicada à Gazeta do Sul, a tabela demonstra, igualmente, a hegemonia dos textos interpretativos, com destaque para a quarta-feira (19), sábado/domingo (18) e empate na terça e quinta-feira (12). A categoria diversional, por sua vez, incide em maior volume no final de semana (6), na terça-feira (2) e quarta-feira (1). Nas segundas e sextas-feiras não foram encontrados textos com essas características. Dentre as explicações possíveis, o fato de, na quinta e na sexta-feiras, os esforços de reportagem serem direcionados para a edição do final de semana, enquanto que, no domingo, apenas um repórter realiza o plantão geral.

Vejamos o que ocorre agora com a revista Piauí, de circulação nacional.

3 Olhares sobre a Revista Piauí

Com a pesquisa realizada na revista Piauí, a estratégia analítica foi diferenciada. Buscou-se observar, como ferramenta, a midiatização do jornalismo pelo viés da narratologia, ou seja, pela observância dos métodos e elementos que permitem identificar, no texto analisado, a imbricação dos dois campos do conhecimento – jornalismo e literatura, nesse caso em favor do primeiro e com uma intenção desejada. A opção se justifica, segundo Motta (2005:2), porque discursos narrativos midiáticos se estabelecem por meio de estratégias comunicativas, que por sua vez são interpretadas, nesta perspectiva, como atitudes organizadoras do discurso. Equivale a dizer, ainda de acordo com Motta, que, em se tratando de organização narrativa do discurso midiático, a organização do mesmo não é aleatória, casual. Ou seja, uma instância que não prescinde do que chamamos de intencionalidade, finalidade desejada.

Entenderemos os relatos da seção Diário como narrativas integrais, ou seja, “(...) histórias mais ou menos completas, com princípio, meio e fim. Podem ser isoladamente analisadas como narrativas fechadas porque possuem uma unidade integral” (Motta, 2005: 3). Por o referido fenômeno ser identificável no âmbito do texto, foram observadas, de um lado, excertos da seção Diário de edições distintas, escolhidas

aleatoriamente, e, neles, especificamente o que, na narrativa literária, chamamos de personagem¹⁵. O personagem, nesta perspectiva, cumpre papel semelhante ao da fonte jornalística, não obstante suas diferenças ontológicas. Ou seja, “humaniza” o texto, estabelece vínculos. Além disso, a personagem, como eixo estruturante da intriga, serve como “bi-oindicador” da presença de outros elementos da narrativa literária naquele contexto, caso do narrador¹⁶ e do narratário¹⁷, para ficarmos em dois.

Nos textos da seção Diário, a referencialidade própria do relato jornalístico – o repórter escrevendo sobre algo que lhe foi dito e se denunciando, nessa prática, por meio do uso de recursos como assinatura, verbos discendi logo após citações entre aspas, por exemplo – cede espaço a uma narrativa auto-referencial, usualmente estruturada em tópicos antecedidos por marcas espaço-temporais (datas e nomes de lugares, principalmente). Observa-se, aqui, um deslocamento conceitual, à medida que a fonte se torna personagem, emprestando, nesse momento, uma nova tessitura à narrativa. Há de se observar, ainda, que, não obstante a transformação de fonte para personagem se estabelecer nesse cenário, os vínculos com a realidade percebida não se alteram.

É o que se observa, por exemplo, no texto *Mulher no leme*, veiculado na edição 58 da Revista Piauí¹⁸:

TERÇA-FEIRA – Acordo às cinco da manhã. Tive uma noite terrível, com insônia, frio na barriga e ansiedade com o embarque. Apesar de estar no batente há mais de uma década,

¹⁵Categoria fundamental da narrativa, a personagem evidencia sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e de variados suportes expressivos. Na narrativa literária (da epopéia, ao romance e do conto ao romance cor-de-rosa), no cinema, na história em quadrinhos, no folhetim radiofônico ou na telenovela, a personagem revela-se, não raro, o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia da narrativa (Lopes & Reis, 1998, p. 215)

¹⁶“A definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de autor, entidade não raro suscetível de ser confundida com aquele, mas realmente dotada de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como o autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa”. (Lopes & Reis, 1988, p.61)

¹⁷Aquele a quem o narrador se dirige.

¹⁸Revista Piauí, edição 58, 2011. pp 18-19.

vivo cada embarque como se fosse o primeiro. Nunca deixo de orar. Despeço-me do meu marido pela internet, dou um beijinho no papagaio, que não para de falar, e no meu cachorro, que vem com o galinho de plástico para brincar – parece que adivinham que estou partindo.

Entro no táxi e sigo para o aeroporto. Tenho pavor de voar. No meio do caminho, percebo que esqueci meu quepe da Marinha, o cinto branco e as platinas. Mas não tenho mais tempo para retornar e o trânsito está terrível. Meu marido, quando voltar, me enviará o que falta pelo correio.

Na chegada a Manaus, depois da escala em Brasília, sigo direto para bordo e sou recebida no portal ó, a escada de acesso ao navio, pelo comandante Brabo, que irei render. Fazemos uma breve reunião, seguida de outra com dois auditores internos e dos primeiros contatos com os demais tripulantes. Às 18 horas assumo o comando do NT (Navio-Tanque) Carangola. Ele tem 22 anos de idade e foi construído em um estaleiro do Rio de Janeiro. (Bahia, 2011, on-line)

É um modelo narrativo mais próximo da literatura que do jornalismo. A começar pelo fato de uma personagem chamada Hildelene Lobato Bahia, de 37 anos, assumir para si a responsabilidade dos acontecimentos, o que pode ser observado já a partir da assinatura do texto. Observe-se que é escrito em primeira pessoa, sendo que o sentido de autorialidade é reforçado a todo momento por meio de verbos como “acordo”, “tive”, “vivo”, “dou” etc. O narrador é protagonista¹⁹, ou seja, coloca-se, por meio da personagem Hildelene, na posição de quem vive aquele momento para melhor descrevê-lo. E se vale de estratégias próprias da literatura para fazê-lo, caso das subjetividades, ainda que, aqui e ali, preocupe-se em emprestar um sentido de real ao contexto.

Os aspectos subjetivos podem ser constatados em expressões como “Despeço-me do meu marido pela internet, dou um beijinho no papagaio, que não pára de falar, e no meu cachorro, que vem com o galinho

¹⁹“Como protagonista da narração, ele [o narrador, grifo nosso] é detentor de uma voz observável ao nível do enunciado por meio de intrusões, vestígios mais ou menos discretos da sua subjetividade, que articulam uma ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas” (Lopes; Reis, 1988, p. 63)

de plástico para brincar – parece que adivinham que estou partindo.” e “Tenho pavor de voar.” Cães, sabemos, não “adivinham” despedidas e “pavor de voar” representa, antes, um ponto de vista tão impreciso quanto carregado de subjetividades que necessariamente uma informação. Já o sentido de real fica por conta da preocupação que a personagem Hildelene tem de, a cada trecho, descrever detalhes de sua rotina. “Às 18 horas assumo o comando do NT (Navio-Tanque) Carangola. Ele tem 22 anos de idade e foi construído em um estaleiro do Rio de Janeiro.” (Bahia, 2011, on-line)

Algo semelhante ocorre na matéria “Cliente folgado leva coco ruim”²⁰:

QUARTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO. Acordei superpreocupado. Estava um calor de rachar e quando isso acontece meu fornecedor fica totalmente atolado. Quer abraçar o mundo com as mãos. Cheguei com a kombi no meu ponto do Aterro e ele só tinha feito a entrega do gelo. Para conseguir meu coco no dia precisei ligar correndo para outro fornecedor. (Fayad: 14, 2010)

A imbricação entre narrativa literária e jornalística se estabelece, neste exemplo, quando nos é sugerido que o personagem – um vendedor de coco chamado Emir Fayad – assume para si a responsabilidade de narrar os acontecimentos já a partir da assinatura da seção – Emir Fayad, ou na foto que ilustra a matéria, com ele em primeiro plano. O narrador não se omite: ele se denuncia, uma vez mais, na apresentação da matéria, e de forma referencial: “Há quinze anos, numa kombi, *ele* [grifo nosso] vende coco num dos pontos mais cinematográficos do Rio de Janeiro: ao lado do monumento Estácio de Sã, no Rio de Janeiro” (Fayad, 2010: 14). Torna-se, dessa forma, testemunha, mas permite ao personagem, nas páginas seguintes, uma aparente autonomia narrativa²¹, emprestando a percepção de que o texto foi escrito efetivamente por um vendedor de coco chamado Emir Fayad. Mais que uma mudança de foco, uma sutiliza narrativa: aqui, o narrador, por meio do personagem, torna-se protagonista do vivido.

²⁰Revista Piauí, edição 42, 2010. pp 14-18.

²¹A autonomia é relativa porque não se considera, aqui, as escolhas feitas pelo processo de edição, que fogem ao controle de quem narra.

*Arpas e bagagens*²², de Arthur Nestrovski, edição 52 de Piauí, oferece novos elementos à análise. Um excerto:

QUINTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO, ZAGREB (CROÁCIA) –
É a calma antes da tempestade. Amanhã chegam de São Paulo 115 pessoas, entre músicos (110) e equipe de apoio. Somados à gerente de produção Analia Belli e eu, que já estamos aqui, seremos 117. Mais o solista Antonio Menezes (que também chega amanhã da Suíça) e o maestro Yan Pascal Tortelier (que está regendo em Londres e só chega na tarde do primeiro concerto, sábado). E ainda dois produtores europeus. Total: 121 pessoas. Ao longo dos próximos vinte dias essa tropa vai viajar sempre junta, por onze cidades de seis países.(...). (Nestrovski, 2011:14)

No exemplo acima, afora as questões que observamos anteriormente, verifica-se um paralelismo curioso. No que diz respeito ao texto, o narrador é protagonista, ou seja, não apenas participa como descreve o que está vivendo. Torna isso possível por meio de um personagem que ora se denuncia, no texto, pelo uso de pronomes como “eu” ou “meu”; que não esconde suas angústias e receios – “É a calma antes da tempestade.” –, e que é cuidadoso com números, datas e lugares – “Quinta-feira, 4 de novembro, Zagreb (Croácia)”, “(...) 115 pessoas, entre músicos (110) e equipe de apoio.”, “(...) 66 caixas passaram para os caminhões (...)”. O próprio nome da seção – Diário – e a estrutura – dramática, em tópicos – denunciam essa condição.

Nos demais elementos da matéria, no entanto, o mesmo não se verifica. Na foto, por exemplo, temos o autor do texto e um dos integrantes de sua equipe sorrindo para o registro assinado por Alexandre Félix/OSESP. Ou seja, sendo retratados por uma terceira pessoa. A percepção de que não é Nestrovski o autor da fotografia se intensifica na legenda, onde, além da descrição do que está sendo fotografado, está escrito²³ *eles* [grifo nosso]. O pronome em terceira pessoa sugere a presença de uma mais alguém em cena.

²²Revista Piauí, edição 52, 2011. pp 14-18.

²³“Nestrovski (à dir.) com Marcelo Lopes, diretor executivo da Osesp, na estação ferroviária de Innsbruck: eles dividem entre si a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso de uma turnê” (Nestrovski, 2011, p.14)

Tendo observado alguns exemplos coletados na Revista Piauí, é chegado o momento de tecermos algumas considerações interpretativas.

Considerações interpretativas

Observadas em seu conjunto, os resultados das duas pesquisas sugerem que o jornalismo midiaticizado realiza, em sua processualidade, uma série de operações de natureza discursiva que objetivam, ao final, estabelecer diferenças no interior dos dispositivos que compõem o sistema midiático-comunicacional, hipótese que move nossa inquietação. E que esta processualidade afeta dispositivos tradicionais, caso dos jornais e revistas impressos, à revelia da circulação e periodicidade.

Adotar esta perspectiva implica considerar que sistema é uma diferença que estabelece diferenças (Luhmann, 2009). Estabelecer diferenças, nesta perspectiva, diz respeito a reforçar a identidade do dispositivo a) em relação aos demais dispositivos que compõem o sistema em que se está inserido, mas, também, b) na relação do sistema midiático com b.1) os demais sistemas e b.2) o ambiente em que se encontra.

Por quê? No caso dos jornais e revistas analisados neste artigo, para que se mantenham “necessários” frente ao sistema em que se inserem, ou seja, diferentes dos demais, condição fundamental à sobrevivência de um e outro. Dentre as estratégias possíveis, pelo diálogo com outros sistemas, caso do literário, mas, principalmente, pelas complexificações que decorrem desta aproximação, à revelia do suporte.

Referências

- Bahia, H. (2011). “Mulher no leme”, in: *Revista Piauí*. nº 58, julho.
- Baraldi, C.; Corsi, G. & Esposito, E. (orgs). (1996). *Glossário sobre la teoria social de Niklas Luhmann*. México: Anthropos.
- Castells, M. (2003). *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 1)
- Fausto Neto, A.; Ferreira, J.; Braga, J. & Gomes, P. (2008). *Midiaticização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus.

- Fayad, E. (2010). “Cliente folgado Eva coco ruim”, in: *Revista Piauí*, nº 42, março.
- Gomes, P. (2006). *Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade*. São Leopoldo: Unisinos.
- Luhmann, N. (2009). *Introdução à teoria dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Nestrovski, A. (2011). “Arpas e bagagens”, in: *Revista Piauí*, nº 52, julho.
- Mariano, N. (2010). “O mão de Tesouras espalha discípulos”, in: *Jornal Zero Hora*, ano 47, nº 16.458, 2º edição, 25 de setembro.
- Marques de Melo, J. & Assis, F. (2010). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Motta, L. (2005). “Análise Pragmática da Narrativa Jornalística”, in: *Intercom* (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), Anais CD ROM.
- Polese, E. (2010). “A travessia silenciosa”, in: *Jornal Gazeta do Sul*, ano 66 , nº 190 , 4-5 de setembro.
- Reis, C. & Lopes, A. (1988). *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática.
- Setúbal, N. (2010). “Uma população que não pára de crescer”, in: *Jornal Gazeta do Sul*, ano 66, nº 190 , 4-5 de setembro.
- Soster, D.; Piccinin, F.; Haas, J.; Garcia, P. & Kannenberg, V. (2011). “Narrativas literárias no jornalismo impresso diário: o caso dos jornais Zero Hora e Gazeta do Sul”, in: *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recife: Anais.
- Soster, D. (2010). “Processualidades complexificadas”, in: Fausto Neto, A.; Ferreira, J.; Braga, J. & Gomes, P. *Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos*. Santa Cruz do Sul; Edunisc.

- _____. (2009). *O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiatização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos*. São Leopoldo: Unisinos. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- _____. (2009-a). “Auto-referência e co-referência nas páginas do jornal Folha de S.Paulo”, in: *7º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo*. São Paulo. Anais.
- _____. (2008). “Midiatização, a terceira descontinuidade do jornalismo”, in: *6º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo*. São Bernardo do Campo: Anais.
- _____. (2008-a). *Edição de imagens em jornalismo*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- _____. (2007). “O jornalismo para além de suas fronteiras conceituais”, in: *5º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo*. Aracaju: Anais.
- _____. (2006). “Ainda estamos falando de jornalismo”, in: Felippi, Â.; Piccinin, F. & Soster, D. (org.). *Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Zaffari, F. (2010). “Disputa ao Piratini: Pedro Ruas em 14 horas”, in: *Jornal Zero Hora*. ano 47, nº 16.462, 2º edição, 29 de outubro.